

A “NOVA CRÔNICA” DE MACHADO DE ASSIS

Ivo Korytowski
Pesquisador independente

Resumo: Breve introdução à publicação, nesta *Machadiana Eletrônica*, das cinco colunas “Nova crônica”, publicadas na revista *Semana Ilustrada* em 1869-1870 e inéditas em livro, assinadas por Sileno, pseudônimo utilizado na juventude por Machado de Assis.

Palavras-chave: Machado de Assis, Crônicas, Nova crônica.

“Nova crônica” (“Nova chronica” na grafia original) foi uma coluna de crônicas de assuntos diversos de Machado de Assis, sob o pseudônimo Sileno, só publicada cinco vezes, nos números 447 (4 de julho), 450 (25 de julho de 1869), 476 (23 de janeiro), 477 (30 de janeiro) e 480 (20 de fevereiro de 1870) da revista carioca *Semana Ilustrada*. Durante doze anos (1864-76) Machado foi colaborador regular da revista, participando também de outras colunas, a saber:

“Novidades da Semana/Pontos e Vírgulas/Badaladas”, coluna coletiva, com vários colaboradores, que circulou de 1864 a 1876 e foi mudando de nome. Como todos os autores as assinavam com o mesmo pseudônimo, “Dr. Semana”, saber quais colunas, ou quais tópicos de uma coluna, foram escritas por Machado tornou-se um trabalho de detetive que desafiou os especialistas.

Por exemplo, se, por um lado, a primeira edição das “obras completas” de Machado de Assis, publicada pela editora W. M. Jackson em 1937, incluiu apenas onze badaladas no 3º volume das *Crônicas*, e Raimundo Magalhães Júnior, em 1958, reuniu 22 badaladas em *Contos e crônicas*, por outro lado, em 2019, a doutora em Letras Sílvia Maria Azevedo desafiou “nomes consolidados da crítica

machadiana”¹ ao atribuir a quase totalidade das crônicas da seção “Badaladas” a Machado de Assis, reunindo-as em um livro, em 2 tomos, de 1608 páginas, publicado pela Nankin Editorial, intitulado *Badaladas Dr. Semana*.² Em sua pesquisa, ela ficou de tal modo convencida da autoria machadiana da maior parte das crônicas, que pôs o nome de Machado de Assis na capa do livro.

“**Vespas Americanas**”, coluna de crônicas satíricas de Machado de Assis, inspiradas na revista *Les Guêpes* (*As Vespas*) de Alphonse Karr, e publicada apenas duas vezes, em 5 e 19 de junho de 1864, sob o pseudônimo Gil.³

Esta pequena série, intitulada “Nova crônica”, de periodicidade irregular, vinha logo depois da coluna de abertura, as “Badaladas”, assinada pelo Dr. Semana, o que lança certa dúvida sobre a tese da doutora em Letras Sílvia Maria Azevedo de que quase todas as crônicas das “Badaladas” tenham sido escritas por Machado de Assis. Mesmo com Machado às vezes escrevendo números inteiros da *Semana Ilustrada*, como afirma Magalhães Júnior em sua monumental *Vida e Obra de Machado de Assis*,⁴ supõe-se que fossem matérias de naturezas diversas. Duas crônicas consecutivas, uma na coluna “Badaladas”, seguida de outra na coluna “Nova crônica”, pelo mesmo autor, não faz muito sentido – o mais lógico seria reunir tudo numa única crônica.

A “Nova crônica” foi uma coluna de assuntos bem variados. A primeira crônica, de 4 de julho de 1869, aborda, entre outros temas, a temporada apoteótica da atriz italiana Adelaide Ristori e sua Companhia Dramática Italiana no Rio de Janeiro. Aliás, Machado também publicou cinco folhetins, naquele mesmo mês de julho, no *Diário do Rio de Janeiro*, sob o pseudônimo Platão, comentando as peças. Quatro desses folhetins foram reunidos por Barbosa Lima Sobrinho no livro *Adelaide Ristori*, publicado pela Academia Brasileira de Letras, em 1955.⁵

¹ Victor da Rosa. “‘Nebulosa e retumbante’: notas sobre as Badaladas do Dr. Semana”, artigo disponível para download em <<https://www.repositorio.ufop.br/server/api/core/bitstreams/18b47abf-3067-423e-89e0-d1e79298d1ec/content>>.

² Ver “Atribuição das Badaladas a Machado de Assis” no verbete “Badaladas (Semana Ilustrada)” na Wikipédia, criado pelo autor deste artigo.

³ As “Vespas Americanas” foram publicadas na *Machadiana Eletrônica*, v. 8, n. 16, jul.-dez. 2025.

⁴ Nota de rodapé na página 42 do Volume 2, “Ascensão”:

⁵ Ver Ubiratan Machado, *Dicionário de Machado de Assis*, verbete “Ristori, Adelaide” e R. Magalhães Júnior, *Vida e obra de Machado de Assis*, volume 2, Ascensão, p. 44-45. Escreve Magalhães Júnior: “Machado exprimira o desejo de vê-la [a Ristori] e agora, para realizar esse projeto, tornava a ligar-se ao *Diário do Rio de Janeiro*, na condição de crítico teatral, o que lhe dava o direito a ingressos gratuitos.”

Na segunda crônica, de 25 de julho de 1869, Machado dá asas ao espírito de *nonsense* presente em vários de seus textos. Mas o que é *nonsense*? Este termo inglês, que corresponde à palavra portuguesa “absurdo”, em literatura designa textos que rompem com a lógica normal da realidade. Não se trata apenas de romper com a realidade em si; neste caso temos a literatura de fantasia. Trata-se, isso sim, de romper com a lógica do funcionamento do real, como no caso icônico, em *Alice no País das Maravilhas*, do Gato de Cheshire, que tem a propriedade de ir desaparecendo aos poucos, restando apenas seu enorme sorriso antes de sumir de vez.

Machado de Assis também praticou uma espécie de *nonsense* irônico, bem-humorado, em seus textos, como na frase “O melhor remédio para não morrer de febre amarela é... morrer de outra moléstia”, da crônica “Semanopatia: Nova Medicina Descoberta pelo Dr. Semana”, publicada na *Semana Ilustrada* de 15 de março de 1863, assinada pelo Dr. Semanopata e atribuída a Machado de Assis; ou neste trecho: “Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu” na novela “O Alienista” do livro *Papéis avulsos*; ou ainda neste parágrafo tresloucado de sua coluna “Notas Semanais” em *O Cruzeiro* de 9 de junho de 1878:

Um povo musical como é o nosso, pode chegar a substituir a prosa pela solfa, sem prejuízo do pensamento, e até com algum encanto. Quem sabe se os nossos netos, candidatos a um lugar na câmara, não serão compelidos a dar dois dedos de flauta aos eleitores? A zabumba, simples metáfora quando não figura nos batalhões, receberá o seu alvará de capacidade. Os instrumentos serão o distintivo dos partidos no parlamento; a uns a clarineta, que é áspera, impertinente e fanhosa; a outros a flauta e a guitarra. O apito passará a ser o cetro presidencial; o aparte terá um forte substituto no assobio. Quanto aos oradores, haverá a escala inteira, desde a harpa eólia até o realejo napolitano.

A terceira “Nova crônica”, de 23 de janeiro de 1870, versa integralmente sobre a questão da infalibilidade papal, que acabou se tornando dogma da Igreja e na época vinha sendo discutida no Concílio Vaticano I, objeto de acaloradas discussões também na imprensa carioca.

A quarta crônica, de 30 de janeiro de 1870, bem curta, aborda a “mania” da câmara municipal de mudar os nomes dos logradouros da cidade. De fato, a maioria das ruas e praças do Rio hoje já não têm os mesmos nomes do tempo de Machado de Assis.⁶

E a quinta crônica, de 20 de fevereiro de 1870, faz uma brincadeira com as cores vermelha e amarela que, na política da época, designavam, respectivamente, (pasmem!) os conservadores e os liberais.

Em relação ao pseudônimo, vale a pena reproduzir o verbete **Sileno** do *Dicionário de Machado de Assis* de Ubiratan Machado:

Pseudônimo usado nove vezes na seção “Correspondência”, na *Imprensa Acadêmica*, de São Paulo, em 1864. Voltou a ser utilizado na seção “Nova Crônica”, na *Semana Ilustrada*, por cinco vezes, em 1869-70. Na mitologia grega, Sileno era considerado um grande sábio, conhecedor do futuro, mas que só dizia a verdade sob o efeito do vinho. Vivia embriagado e costumava acompanhar o cortejo de Baco, a quem educou, montado num asno ou conduzido pelos sátiros.

Essas cinco crônicas nunca foram publicadas em livro, nem mesmo nas diversas edições das obras completas de Machado de Assis. John Gledson não as cita na sua “Tabela das séries das crônicas”, ou em “A história das edições das crônicas machadianas”, nas *Crônicas Escolhidas* de Machado de Assis. A descoberta desses textos deve-se ao incansável pesquisador Raimundo Magalhães Júnior, que os cita pela primeira vez no artigo “Dispersos de Machado de Assis”, de crítica ao livro com este nome de Jean-Michel Massa. No artigo, publicado na primeira página do 2º caderno do jornal carioca *Correio da Manhã* de 5 de março de 1966, Magalhães Júnior escreveu (os negritos são do texto original):

Silento, pseudônimo usado na **Imprensa Acadêmica**, também foi retomado na **Semana Ilustrada**. Machado assinou com ele a **Nova Crônica**, de 27-7-1869 a 20-2-1870. Isso não consta de qualquer biografia, ou bibliografia.

Magalhães Júnior volta a citar essas crônicas ao final do capítulo 33 no volume 2, “Ascensão”, de sua *Vida e obra de Machado de Assis*, nas páginas 42-43:

⁶ Ver postagem “NOMES ANTIGOS DE RUAS DO RIO DE JANEIRO” no meu blog LITERATURA, RIO DE JANEIRO & SÃO PAULO.

Em julho, Machado volta a usar o pseudônimo de Sileno, com que firmara em 1864 as correspondências do Rio de Janeiro para a *Imprensa Acadêmica*, de São Paulo. A de 25 de julho de 1869 é extremamente curiosa, por abordar o tema da loucura na época em que ele próprio lidava com um louco, Faustino Xavier de Novais – que deve ter sido o modelo do Rubião, em *Quincas Borba*. Esse era um tema que o fascinava e lhe proporcionava variações como as de “A Segunda Vida” e dessa obra-prima que é “O Alienista”.

Em nota de rodapé na página 42, Magalhães Júnior observa que nem José Galante de Souza, nem Jean-Michel Massa, recolheram essas “croniquetas da *Semana Ilustrada*, na época em que, prestes a casar-se, Machado às vezes escrevia números inteiros da pequena revista”. Mas Massa chegou perto, já que transcreveu, no tópico 106 de seus *Dispersos de Machado de Assis*, o texto de Machado de Assis, sob o pseudônimo Platão, de um de seus cinco folhetins no *Diário do Rio de Janeiro* (o de 15 de julho de 1869) dedicados às apresentações da artista Adelaide Ristori.⁷

Resta o mistério: por que Magalhães Júnior, ao organizar suas coletâneas de textos machadianos inéditos em livro, publicadas entre 1956 e 1958 pela Editora Civilização Brasileira e republicadas mais tarde pela Ediouro, deixou de fora os textos da coluna “Nova crônica”?!

Referências

ASSIS, Machado de [Sileno]. Nova crônica. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 447, p. 3574-3575, 4 jul. 1869.

ASSIS, Machado de [Sileno]. Nova crônica. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 450, p. 3598, 25 jul. 1869.

ASSIS, Machado de [Sileno]. Nova crônica. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 476, p. 3803 e p. 3806, 23 jan. 1870.

ASSIS, Machado de [Sileno]. Nova crônica. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 477, p. 3811, 30 jan. 1870.

ASSIS, Machado de [Sileno]. Nova crônica. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, nº 480, p. 3838, 20 fev. 1870.

ASSIS, Machado de. *Adelaide Ristori: Folhetins*. Organização e prefácio de Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1955.

⁷ O texto de Platão/Machado de Assis precede uma carta, recebida de Joaquim Serra, sob o pseudônimo Pietro de Castelamare, não reproduzida por Massa.

ASSIS, Machado de. *Contos e crônicas*. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

ASSIS, Machado de. *Badaladas: Dr. Semana*. Organização, apresentação, notas e índice onomástico por Sílvia Maria Azevedo. São Paulo: Nanquin, 2019. 2 t.

ASSIS, Machado de. *Crônicas do Dr. Semana*. Rio de Janeiro: Edições W. M. Jackson, 1938. Disponível para download em <https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/60_91a8334e492806f21af56c0dc876db6f>.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras e Penguin, 2013.

ASSIS, Machado de. *Dispersos de Machado de Assis*. Coligidos e anotados por Jean-Michel Massa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

ASSIS, Machado de. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas de John Gledson e Lúcia Granja. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882 (1ª edição). Disponível para download em <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4774>>.

AZEVEDO, Sílvia Maria. Ver ASSIS, Machado de, 2019.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Lisboa: Imprensa Nacional de Portugal, 2021.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. Ver ASSIS, Machado de, 1958.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. Dispersos de Machado de Assis. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2º caderno, p. 1, 5 mar. 1966.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4 v.

MASSA, Jean-Michel. *Dispersos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

ROSA, Victor da. “‘Nebulosa e retumbante’: notas sobre as Badaladas do Dr. Semana”. *Olho d’água*, São José do Rio Preto, 12(1), p. 147-156, jan.-jun. 2020.

Disponível em:

<<https://www.repositorio.ufop.br/server/api/core/bitstreams/18b47abf-3067-423e-89e0-d1e79298d1ec/content>>.